

QUANDO BAIXAR A MARÉ

Livro 80

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



UTOPIA

Desço em direção ao obstáculo, faço a comida, distribuo livros, vergo o espinho, sacudo a preguiça, tiro o atraso, isolo o desprezo, fixo a meta, enferrujo a maldade, enjaulo a ganância, converto feridas em cicatrizes, recupero a brasa, ressuscito a utopia.



DOAM RESIGNAÇÃO

Te doam a resignação, empobrece com orgulho, dispa-se do trabalho, durma na estagnação, coma vento, colabore, emudeça, silencie as agonias, ordens alimentam tua fome, empurra porta fora essa esperança encalhada. Glorifique teu sofrimento, enobreça tua renúncia, zombe dos revezes, apresse o desastre, colabore com o claustro, faça que não vê, que não entende, faça o que mandem, obedeça aos idiotas. Eles não sabem o que te ordenam, tu não sabes o que obedeces.

OBVIEDADE

A obviedade impõe o Império da Imaginação. O poder exercido pelos “senhores do caos”, com soberba, planeja uma valorização desproporcional do imaginário sobre o conhecimento. A idiotização da manipulação de informações valorizando informações irrelevantes, desorientam intencionalmente os cenários de atenção e ocupação. Superar a realidade é a máxima dos detratores da razão. Inventam conceitos de acordo a interesses, descobrem ou ocultam com a mesma facilidade dependendo da forma como dirigem os cenários e os protagonistas.



DEMOLIR VALORES

A demolição dos Valores é uma das cargas prediletas da família e do sentido de continuidade histórica através da biologia evolutiva.

O RESGATE DA UTOPIA

A exagerada idealização da realização tecnológica veio acompanhada da degradação da humanidade. A depreciação dos valores imateriais deixa como rastro um investimento contra a criação. O risco calculado, a inclusão do sentido da realidade da vida inclui o ganho e a perda, a instabilidade e a oscilação própria da vida que nunca foi nem nunca será linear. A indústria do medo, a exploração da certeza pré anunciada, o politicamente correto são formas de esterilização e da criação de obstáculos como irrealidades opostas da vida. Todas as grandes conquistas da humanidade desrespeitaram essas regras alienantes que detratam o capital humano com suas necessidades e seus sonhos. A humanidade está moribunda desde que abandonamos a noção de vulnerabilidade como condição humana. Os detratores, os abutres que circulam pelo cenário político usam permanentemente uma carga sobre o surgimento do imprevisto atribuindo sua presença ao adversário político. Partidos políticos que usam argumentos que condenam as crises como se eles não fossem parte desta construção. O adestramento argumental contra os humanos, preparando o condicionamento psicológico

para preparar para o futuro, criam condições para induzir o acontecimento e tão logo isso se realize a auto condução os manipuladores oferecem soluções como se eles fossem “senhores da solução”.



BUSCO

Busco dar sentido à minha essência e os resquícios que acabaram ficando originando meu próprio lugar. As pegadas aparecem e desaparecem, nem sempre elas são eficientes, oscilam entre a fortuna incerta e a memória que esconde. Quero encontrar um silêncio que testemunhe quantos passos, caminhos na coleta dos perdidos.

COMBINO

Combino lembrar dos sonhos que logo esqueço, abandono-os na coleta dos perdidos. Aceito que cada um tome seu rumo e se perca rápido. Perdi a agilidade, me falta multiplicar essa vontade de sair. Persiste uma novidade que anuncia ter um novo sentido para tornar o efêmero suportável e definitivo.



NOVAS ESTRELAS

Reúno novas estrelas para cobrir outras possibilidades, saio por aí, concordo em ir-me de vez em quando. Entre uma conciliação e uma resistência combino ficar de acordo com a realidade. Acordo nada responder até que minha sensibilidade não suporte a si mesma.

TUDO

Nossos desejos se aproveitam do imprevisto e convencem o coração de que o amor tudo justifica. Temendo as falhas, nos valemos de estratégias para evitar despedidas e ataques, ofensas, rendições, providenciamos uma despedida que procure no término nos livrar da mútua rendição. Toda saída se vê dificultada porque nunca é fácil aceitar a desistência, entregando-se tudo o que resta até ter-se a certeza de que não há nada mais a fazer.



INVASÃO

Invadido por uma insônia ocasional, submeto-me à minha consciência, que se apresenta para lembrar da minha humilde condição. Se houver aceitação que o sonho possa ser tão penoso e triste morrer todos os dias.

ARROGÂNCIA ASSISTENCIAL

Ocupando um lugar diferente, conhecedores da vida, os anjos se apresentam em ações desagradáveis, nas dores insuportáveis, em convivências toleradas. Autorizando a percepção a mudar o rumo, propor o sequestro das boas intenções na medida em que se padronizam os voos e as aterragens forçadas. Os anjos estão longe de ofertar a arrogância assistencial.



CAIR EM TENTAÇÃO

Para convencer-me de que a dor é suportável, aproveito as alianças para rodear-me da paz e do sábio silêncio que de tão escassos são oferecidos como negócios garantidos. Tento gozar melhor sorte fingindo haver sabido como não cair em tentação, em ganância e soberba.

SEM ÂNCORA

Sem âncora, quero entrar em uma aventura para disputar outros caminhos. Um instante depois, entro livremente, apagando as recordações para ver crescer um sutil segredo. A convicção, porém, é efêmera. Um desespero me arrebatava a paciência e afunda minha triste convicção.



ESSE MEU AMOR

Esse meu amor não entende de realidades, voa em direção aos enigmas inventando certezas, tentando dar forma humana aos sonhos e feição ao imponderável.

OS EMPENHOS

Os empenhos farão valer sua presença excluindo os desapontamentos, incluindo precedentes com êxito. Aqui a alma não responde às pressas do corpo. As pacientes sementes do amor esperam acalmar a tempestade da paixão.



QUASE MEDIEVAL

Assisto uma mistura quase medieval onde o sagrado e o profano dão o espetáculo, criam uma nova ordem. Tento me esconder debaixo da razão; sem êxito, dialogo com enredos, fragmentos de lembranças; fico com as sobras da realidade que ajeito para caber na tolerância de cada dia.

OS ANJOS DO LEVANTE

Parece que os anjos nos abandonam, não há mais abrigo, a partida se encarrega de desembolsar as últimas esperanças investidas de forma desesperada, auspiciando milagres, vinganças. Abandonados na luta por estender os prazos, ajustar as tolerâncias, mudar as atitudes. O mais ilustre de cada um se abate, a melancolia invade os motivos e a dor aparece sem limites.



OPONDO-ME

Opondo-me faço parcerias, uso os rudimentos da conciliação da convivência, da harmonia na diferença incorporo a dor alheia como própria, perco a autorização do viver omissa.

NÃO COGITO

Não cogito serenidades inadequadas, jamais falseio pérolas.

Sendo o padecimento da dor de amor contínuo, some-se à perda um poder maior que se soma a ela, sitiados na solidão que o exílio impõe. A vida quase acaba quando a pessoa amada leva consigo pedaços nossos que lhe foram ofertados. Indicando ruína, as ações comuns às melancolias espalham vergonhas, vazios, queixas.



A LUCIDEZ

Tantas vezes recusei-me a renunciar a lucidez. Mais surpreendente é considerar que a vida está sempre me esperando para que eu a tome, parar de me omitir. Identifico contradições, desconcertos, embora me esforce, não sou suficiente para compreender por que quase nunca são suficientes as bases do que conheço.

FAROL MANIPULADO

O farol manipulado me joga contra as pedras, não posso favorecer-me dos meus sentidos, eles fluem noutra dimensão. Tudo aquilo que era o mundo em que eu vivia, hoje oscila entre o submundo rico e o submundo pobre, colunas entre as quais me escondo. Já não faço nascer em mim perguntas, esqueci respostas. Apago a luz.



GUARDO

A realidade pode mais que a minha vontade de distribuir oportunidades. Tento capitalizar atributos que a consciência conserva. O que vivo é histórico, real, verdadeiro, verídico, autêntico. Se a convivência torna predileta a honesta graça do amor, ofereço-me o mérito.

Sem o benefício do reconhecimento, no anonimato escondo, abrigo a honestidade.

De conformidade com minha mais sincera opinião, esclareço que guardo a inocência incorruptível.

SOLDADO DESCONHECIDO

A morte enganosamente atravessada mutilou suas juventudes, foram enterrados como heróis anônimos.



OSCAR WILDE

A velha terra, a velha ilha abandonada, perdeu seu nome de Utopia. Utopia é o nome que passa através do esplendor das ondas e se reflete na areia dourada da ilha ignorada, todavia não conhecida. Pese a que o progresso é a realização das utopias, é também a história das nossas dores e nossos sonhos.

CRIANÇAS EMBARCADAS AO EXÍLIO (I)

Acometido do colapso da confiança descubro que os líderes não só são estúpidos, mas também incapazes. Para decidir como as coisas são feitas demito a soberania do Estado e o poder arbitrário das organizações. A política tem timoneiros que não querem chegar e as pessoas nos cais já não cumprem com a ilusão das promessas não cumpridas. Hordas de migração circulam em torno a indiferença, será a crise ainda crise ou uma consolidada permanência no desaponto da fome globalizada. A demonização a cada tempo tem um fundo onde o sofrimento se cansa de não alcançar.



CRIANÇAS EMBARCADAS AO EXÍLIO (II)

Na feitura dos contos para crianças, adultos perversos, líderes políticos genocidas, falsos leitores, pedófilos carinhosos, falsos tradutores da mente infantil que frágil não alcança inventar os monstros que certos adultos lhes impõem com suas falsas prestações de

serviços. Enquanto crianças, os humanos são sinceros, depois quando adultos, estarão demasiadamente ocupados para viverem uma vida pura, sem artificios, vícios e poder. Condenados a consumir corrupções, violências sexuais, morais, pobreza generalizadas, falta de motivações, não sabem o que fazer ou não fazer no vazio persistente. Inutilmente terceirizam os cuidados dos filhos. Outros, desconhecidos quase todos, se ocupam de um bem precioso, do futuro das crianças.



CRIANÇAS EMBARCADAS AO EXÍLIO (III)

Doce sorriso, olhar afável, perde a inocência no mundo inumano da dupla moralidade, a brutalidade, fome autorizada, atrocidades incentivadas.

Vendo um jovem queimar vivo, outro morrer com um covarde tiro pelas costas, só com apoio de muitos contra poucos, os criminosos de guerra têm bandeira, orgulho do genocídio progressivo, há os cúmplices que pagam essas bombas e sustentam a pantomima.

CRIANÇAS EMBARCADAS AO EXÍLIO (IV)

Inventam personagens agressivos, heroicos, salvadores, superdotados, exemplares da superficialidade, abrem as portas para um modelo de liderança absolutamente pobre de espírito e com excesso de onipotência. Dotados de uma ignorância abominável, nunca são leitores, nunca são pessoas comuns, nunca fazem o bem sem exibicionismo, nunca têm deficiências, - fragilidades próprias dos humanos, todos super dotados, super humanos, todos representando o bem, a serviço de exterminar o mal, este sempre o inimigo da vez, que justificam guerras, bombardeios, exílios, genocídios, roubo de territórios, extinção de autorias, culminando com a arrogância de que o bem e a razão estão ao seu lado em mais uma cruzada de limpeza tão perfeita que as guerras copiam os jogos.

CRIANÇAS EMBARCADAS AO EXÍLIO (V)

Há quem afirme que a simplicidade é um adorno feito para crianças. Pesadas ou leves, as simplicidades falam da verdadeira vida que habita a fragilidade. Exageros, ameaças, personagens que comem, sequestram, humilham, convivem com a complexidade das coisas puras das crianças, com a magia dos contos amorosos, não sendo uma mentira generosa, apenas são uma ameaça tola imposta no micromundo infantil tornando evidente uma premissa da Casa dos Futuros Medos.



CRIANÇAS EMBARCADAS AO EXÍLIO VI

O pião, a gangorra, o balanço, os olhos que não dormem, o cata-vento. As frutas, os legumes. A terra molhada, a chuva, a abelha. O mar agitado, a onda que afoga a chegada, a árvore provoca a subida inconsequente, a criança tomando o lugar intempestivamente, o corpo incendiado, o corpo afogado, o pulo arriscado, a dor pedindo socorro para um pirata com seu barco endividado. A nuvem encobrindo as estrelas, a chuva

ácida, a alma estuprada, a sombra desterrada agarra-se ao sol, um pássaro perseguido imigra na paisagem desértica esquecido do que é ficar.



CONFUSÃO DE CONFUSÕES – JOSE DE LA VEGA – 1688 AMSTERDÃ

“As leis públicas da Grécia dispunham que só se podia pedir conselho aos maiores de cinquenta anos, e acusando a Sólon e Fisítrato de tentar tyrannizar a república de Atenas assegurava que fundava sua ousadia na velhice, que é a mãe do conselho.

Os antigos esculpiam uma tartaruga nos pés de Saturno (velho e sábio) para dizer que tendo a tartaruga cabeça de serpente (símbolo de prudência) se deve buscar a prudência nos anos, e a atenção nos cabelos brancos. Acaso quiseram também ensinar-nos que os sábios não sabem murmurar nem morder, pois segundo Plinio as tartarugas não tem dentes. Por tanto, não me estranha que me tranquilizeis como velho, que não me piqueis como sábio, e que me acaricieis como amigo. Ateneu dizia ser melhor comer pouco e seguro, que muito com tanto risco”.

COMO DISFARCE

Como aquele peixe que nada contra as ondas, Diógenes caminhava de costas no teatro ao contrário dos demais homens, engenhosamente se mascaram as intenções.



QUANTAS NAVES

Quantas naves saem carregadas de pessoas e as pessoas carregadas de esperanças, sabendo ser conveniente não esperar mais do que a prudência recomendasse. Faltava que a rota, sempre indicada, nem sempre as ondas e os ventos confirmavam. As correntes mudam de direção acabando com os disparates da imaginação. O acaso dá volta as águas alçando-as aos céus enquanto as nuvens mergulhavam no abismo marítimo. A ordem a cada instante se transformando sem fundamento, por isso não servem de nada as notícias, porque as correntes se apoiam na tendência do emissor. Descobre-se entre tramas, sutilezas e cuidados.

EXPERIÊNCIAS

Diana proibiu as mulheres estéreis serem parteiras das fecundas, porque sabia que mal se pode ver com o que não se prova, e que mal se pode ajudar naquilo que não se exerce.



GASTOS INÚTEIS

Mal gastar os esforços naquilo que não se estudou e descobrir-se no que não se entende, é delírio próprio de Neantes que, convencido pela vaidade de que era filho de Urania, tirou a lira de Orfeu do templo de Apolo e, começando a tocar o instrumento que jamais havia tocado, nos advertiu -ao ser despedaçado pelas feras- que se a lira de Orfeu costumava atrair os animais para render-lhes, nesta ocasião excedeu a si mesma no prodígio, atraindo as feras para enfurecê-las: antes de apaziguar com a harmonia do instrumento, agora devoravam o instrumento da harmonia.

Roberto Curi Hallal

